

Boletim Adventista

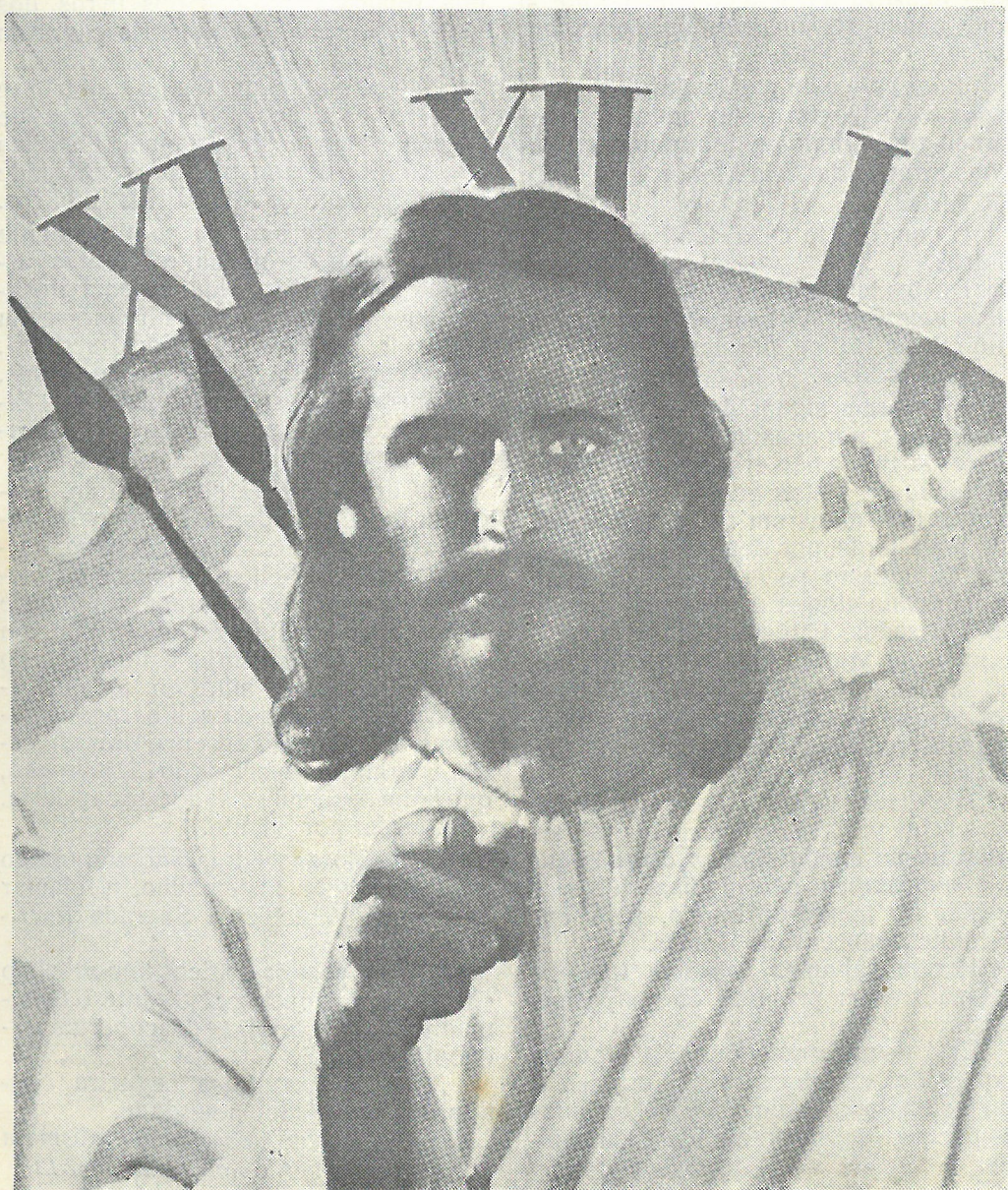
Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano IV — Número 40

Abril de 1966



A Pseudo-Crítica e a Escritura Sagrada

por A. Casaca

Tem havido sempre críticos que em nome de uma certa ciência — o seu verdadeira nome é, antes, pseudo-ciência — têm procurado pretender provar que a História Sagrada contém falsidades históricas.

Já lá vai o tempo em que um Voltaire acusava a Bíblia de falar de povos que nunca teriam existido, como por exemplo os hititas.

Pois hoje está plenamente demonstrada a existência destes povos, conhecendo-se, perfeitamente, as suas migrações através da Ásia Menor e do norte da África.

E como este caso tantos e tantos outros.

Destes tais críticos e destas tais críticas bem disse William James que constituíram a «tolice clássica do cientismo do século XIX».

Afirmaram alguns destes tais pseudo-críticos, por exemplo, que a primeira parte da Bíblia não era, realmente, uma narração de factos ocorridos, naquela altura, mas antes um relato feito séculos mais tarde, por determinados escribas ou mesmo sacerdotes, que assim procuravam elogiar e encomiar os seus antepassados. Cita-se, por exemplo, o cântico de Moisés em Êxodo 15, afirmando-se que foi escrito depois da construção do templo por Salomão, ou, porventura, depois do cativeiro da Babilónia.

Baseavam as suas falsas afirmações em certas palavras e frases que se encontram no citado cântico, dizendo que tais expressões não podiam ter sido usadas no tempo do Êxodo, pelo que o cântico não era de Moisés.

Porém sabemos hoje que tais expressões eram próprias do tempo mosaico.

Está demonstrado que tais e outras expressões apontadas pelos críticos — por exemplo, no Salmo 68, são reflexos de peculiaridades gramaticais canaanitas.

Graças a Deus que para cada um pseudo-crítico surgem dez verdadeiros críticos que verdadeiramente iluminados pela luz segura da verdade, refutam os erros que se pretendem espalhar.

Há anos atrás negava-se a autoridade dos relatos históricos dos livros dos Reis; as narrações dos patriarcas eram consideradas «lendas piedosas».

Não passou muito tempo que não se fizessem escavações arqueológicas de grande valor e importância histórica que vieram demonstrar a autenticidade e historicidade das narrativas bíblicas.

A imprensa anuncia continuamente a descoberta de novos elementos arqueológicos, principalmente na Palestina, que vêm sempre confirmar, cada vez mais, a historicidade da Escritura.

São as cidades, os reis, as batalhas, os tratados que se mencionaram na Bíblia que têm sido confirmados pelas descobertas arqueológicas.

No delta do Nilo, por exemplo, descobriram-se as cidades onde os israelitas viveram em odiosa escravidão; descobriram-se os restos do fogo e da destruição que acompanharam os filhos de Israel na conquista de Canaã; também em Gabaa se descobriu a fortaleza do rei Saul em cujos muros o jovem David cantou ao som da sua harpa; igualmente em Magedo se encontraram essas enormes cavaliças do rei Salomão, que tinha doze mil soldados de cavalaria.

E assim por diante.

Têm sido as pedras, no seu mudo mas eloquente testemunho, a clamar bem alto a verdade da Sagrada Escritura.

E esses pseudo-críticos têm-se visto obrigados a emudecer, perante o testemunho irrefutável das descobertas arqueológicas.

Mas infelizmente, a cegueira continua a ocultar-lhes a verdade.

Por vezes os tais críticos afirmam

Continua na pág. 13

Enchamos a Casa do Senhor

por Teodoro Carcich

«E disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar para que a minha casa se encha». S. Lucas 14:23.

O Senhor quer que Suas igrejas estejam repletas. Nunca quis que fossem fracas e estivessem semi-vazias. Deseja que os que nela se encontram saiam e instem outros e entrar.

A Escola Sabatina possui o potencial para encher a casa do Senhor. Temos nela uma instituição de ensino cujo compêndio é a Bíblia, e que num mesmo lugar e com o mesmo propósito congrega sábado após sábado mais adventistas do sétimo dia que quase todas as outras reuniões de nossa igreja. E o poder latente que a Escola Sabatina possui deve converter-se em nossa maior força evangelizadora.

Além de ser um órgão de ensino, a Escola Sabatina está bem equipada para alcançar com a mensagem evangélica as pessoas que se encontram fora da igreja. Este conjunto estreitamente unido de oficiais, professores e membros está qualificado para, de maneira extraordinária, cobrir qualquer comunidade com a terceira mensagem angélica. Toda a Escola Sabatina que fracassar em empregar sua organização para estender-se e encher a casa do Senhor, está descuidando e negligenciando uma das principais razões de sua existência.

Logram-se resultados mediante a utilização deste método? Consideremos as escolas sabatinas da Coréia. Embora o número real de membros seja de apenas 9.700, a assistência à Escola Sabatina se eleva à extraordinária soma de 39.000! Para poderem dar lugar às multidões, muitas igrejas se vêem obrigadas a realizar três reuniões em cada sábado.

Pentecostes na Coréia? É possível. Só sabemos que os ministros e os membros estão trabalhando em estreita união, e onde quer que reine esta união Deus faz descer a chuva serôdia sobre

a igreja, e ela enche-se com todos quantos buscam salvação.

É hora para que a chuva serôdia caia sobre as nossas igrejas em todas as partes. Porém ela não cairá sobre uma igreja preguiçosa e satisfeita consigo mesma, que não se preocupa pelos membros que não concorrem às reuniões, e muito menos por aquelas pessoas de seu território que ainda não foram advertidas pela mensagem.

As chuvas de bênçãos não cairão enquanto apenas uma pequena percentagem de membros esteja trabalhando pela salvação dos demais e a maioria esteja recusando qualquer responsabilidade. É demasiado grande o número de adventistas do sétimo dia que fazem parte da AAB — Associação dos Aquecedores de Bancos. É tão fácil sentar-se, absorver o sermão e ficar rançoso por não fazer nada, em vez de refrigerar nossa experiência cristã tratando de levar alguém a Cristo mediante a Escola Sabatina!

Antes que possa vir o fim, esta morridão deve ser substituída por um cáldo amor pelas almas. Se nós mesmos não nos esforçarmos para operar esta mudança, Deus permitirá que passemos por provas, dificuldades, tristezas e perseguições para chamar-nos à realidade. Por que provocar estas coisas quando há uma maneira melhor para lograr o mesmo despertar religioso?

Toda a pessoa que espera ser salva, deve experimentar um reavivamento, uma reforma e as bênçãos da chuva serôdia antes do fim do tempo da graça. O preço desta tríplice bênção é (1) esquadrinhaento pessoal do coração, (2) oração agonizante, (3) arrependimento e abandono do pecado, (4) renúncia à crítica e procura de faltas alheias, (5) comportamento em harmonia com a verdade revelada, (6) união com outros na salvação dos pecadores.

Esta obra tem que começar com os

Continua na pág. 13

O Homem que Cavou outro Poço

por Roberto H. Pierson

Sem dúvida já tendes ouvido a história do homem que cavou outro poço. O seu nome era Isaac e a história encontra-se no vigéssimo-sexto capítulo do Génesis. É uma velha história mas tem uma lição que é um repto para cada membro da igreja remanescente de Deus.

Abraão falecera. A fome forcara Isaac a procurar alimento para a sua família e pasto para o seu gado na terra dos filisteus. Deus abençoou-o e fê-lo prosperar na terra estrangeira. Isaac «engrandeceu-se... e ia-se engrandecendo, até que se tornou muito grande», segundo o relato bíblico (Gén. 26:13).

Entretanto, sérias dificuldades estavam prestes a surgir no horizonte. Os filisteus invejavam-no. Eles haviam temido Abraão, o pai de Isaac, durante o curso da sua próspera vida. Agora parecia-lhes o momento propício para fazerem recair a vingança sobre a cabeça do filho de Abraão. Que fizeram então? Muito simplesmente taparam com terra os poços de que Isaac se servia para dessedentar o seu gado.

Há algum tempo atrás eu viajei por essas terras, outrora dos filisteus, entre Berseba e Asquelon. O terreno é praticamente deserto. Aqui e ali encontram-se pedaços verdes e luxuriantes mas que só há poucos anos apareceram como resultado da irrigação feita por israelitas empreendedores e inteligentes. Contudo, ainda hoje, a maior parte da região é estéril. O problema da água é ainda tão importante como no tempo de Isaac.

Naquele tempo, tapar os poços de um homem, era um acto de hostilidade. Na melhor das hipóteses daria origem a uma alteração ou contenda mas também poderia originar a guerra. Como enfrentou Isaac, esse homem de Deus, esta ameaça à sua prosperidade, ou melhor, à sua própria existência?

Fácilmente ele poderia ter recorrido

à violência e à força. Os próprios filisteus admitiram que ele era mais forte do que eles (Gén. 26:16). Isaac podia tê-los punido severamente, forçá-los à submissão e expulsá-los das terras que lhe serviam para pastar os seus rebanhos. Ele poderia sentir-se justificado ao tomar medidas punitivas recordando o mal que os filisteus lhe tinham feito. Constitui na verdade uma prova difícil um homem conter-se quando tem toda a razão do seu lado e pode punir com facilidade.

A reacção pacífica de Isaac

Mas que fez Isaac? A narrativa inspirada diz-nos simplesmente que «então Isaac foi-se dali e fez o seu assento no vale de Gerar, e habitou lá» (V. 17). Aqui cavou outros poços que lhe fornecessem água para a sua família e para os seus animais.

Mas tão depressa os poços começaram a fornecer a bela água cristalina, os pastores de Gerar apareceram em cena. «Esta água é nossa», declararam com insolência. «Tu não tens o direito de cavar aqui!»

Como reagiu Isaac esta segunda vez? Com duras palavras de represália? Com manobras de guerra?

De modo algum. A Palavra de Deus regista que o rico e poderoso Isaac simplesmente mudou para outra localidade e «cavou outro poço» (V. 22).

Cavar poços naquele deserto não era, nem é, tarefa fácil. Certamente levaria outros à luta, especialmente se estivessem tão certos da vitória como estava Isaac. Mas este homem tinha um espírito real. Não perdeu a paciência, não se entregou a um acesso de cólera, nem replicou ásperamente. Ele era um homem paciente e amável. Era um homem que, apesar de estar sob a acusação e desaire, podia «cavar outro poço» e não recorrer à vingança. Isaac deixou atrás de si um rasto de paz e não de guerra, amigos e não inimigos.

O caminho de Isaac, revelado pela sua disposição de «cavar outro poço», é intrinsecamente o caminho que Jesus indicou ao aconselhar-nos a «dar a outra face».

É-nos dito do Salvador: «Não entenderá» (Mateus 12:19). Jesus era um homem de paz. Ele era demasiado grande para permitir que pequenos homens o levassem a acessos de impaciência, discussões mesquinhas ou controvérsias inúteis. A Sua ligação com o Pai conduziu-O a uma experiência que se situava acima das vinganças cegas e das sórdidas alterações humanas. O caminho de Jesus é um caminho mais alto e mais santo — ele conduz-nos acima dos miasmas das recriminações e lutas íntimas.

Não é fácil fazê-lo, mas seremos semelhantes a Cristo se fizermos o que nos é dito em Mateus 5:39: «... se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra». Jesus disse que quando os homens nos acusam, aborrecem, ridicularizam ou condenam, devemos orar por eles (v. 44).

Vingança ou ...?

Na experiência de cada obreiro ou membro de igreja, frequentes vezes surgem momentos de exasperação e tensão nervosa, em que ele deve resolver se vai ter a satisfação humana da vingança ou se vai experimentar a satisfação mais nobre de «cavar outro poço». Há ocasiões em que nós — humanamente falando — podemos usar o nosso prestígio ou a nossa autoridade

para pôr as pessoas no seu lugar, responder à letra, distribuir repreensões bem merecidas, usar palavras afiadas como facas, que cortam e magoam.

A mensageira do Senhor escreve: «Muito melhor é sofrer sob falsa acusação, do que nos infligirmos a nós mesmos a tortura da desforra sobre os nossos inimigos». (Pensamentos Sobre o Sermão da Montanha, pág. 21).

Quando somos interpelados áspera e rudemente e respondemos na mesma moeda, quando exercemos a nossa «autoridade» ou «direito», podemos, na verdade, ganhar uma vitória humana. É verdade que podemos gozar uma satisfação natural (mas passageira) ao «ajustarmos contas». Contudo, ao obtermos essa «vitória» ôca, perdemos a abençoada oportunidade de revelarmos o espírito do nosso Mestre que sabia e ensinou um caminho melhor — o caminho de «cavar outro poço», o caminho de «dar a outra face», de «andar a segunda milha», de «pagar o mal com o bem».

«Não vos vingueis», escreve a pena inspirada. «Quanto puderdes, removei toda a causa de mal-entendido... Fazei o que estiver em vosso poder, sem comprometer os princípios, para conciliar o próximo». (A Ciência do Bom Viver, págs. 485, 486).

«Nada de vinganças, meus queridos irmãos; seja Deus a vingar as afrontas e mais ninguém». Romanos 12:19, (tradução de J. B. Phillips e A. Fernandes).

Um caminho melhor

Outros podem livremente cruzar as espadas da réplica mordaz e das respostas ferinas mas *tu* não o podes fazer porque *tu* és Cristão. *Tu* aprendeste um caminho melhor — o caminho de Isaac, o caminho de Jesus. *Tu* — se na verdade és um Cristão nascido de novo — aprendeste no Livro de Deus e da rica experiência de andar com Jesus, que é melhor não retaliar, mas sim remover a causa da discórdia, permanecer quieto e deixar Deus castigar, se Ele, na Sua

Continua na página 13



Um pequeno grupo de Jovens da Igreja de Sá da Bandeira quando da Convenção da Juventude.

«Porque dou o Dízimo»

por Joaquim F. de Oliveira

Dou o meu dízimo, porque a Palavra de Deus diz: «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e depois farei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do Céu, e não vos derramar sobre vós uma benção tal, que dela vos advenha a maior abundância.» Mal. 3:10.

Dou o dízimo, porque «o Senhor especificou: a décima parte de todas as vossas posses é Minha. Vossas dádivas e ofertas devem ser trazidas ao tesouro, a fim de serem empregadas para o avançamento de Minha Causa, para enviar o pregador vivo a abrir as Escrituras aos que se assentam nas trevas.» — Mensagens aos Jovens. pág. 308,

Dou o dízimo, porque «o Senhor fez com que a proclamação do evangelho dependesse do trabalho e dádivas voluntários de todo o Seu povo. Aquele que proclama a mensagem de misericórdia aos homens caídos, tem outra obra a fazer — apresentar ao povo o dever que lhes cabe de sustentar a obra de Deus com seus recursos.» — Obreiros Evangélicos, pág. 224.

Dou o dízimo porque «estamos prestes a mudar-nos para uma Terra melhor, a celestial. Não procedamos, pois, como quem queira habitar confortavelmente sobre a Terra, mas ajuntemos nossos objectos no espaço mais limitado possível.» — Testemunhos Selectos, Vol. 2, pág. 44.

Dou dízimo, porque o «ouro e a prata pertencem ao Senhor; e Ele os poderia fazer chover do Céu, se quizesse. Mas em vez disso fez Ele do homem o Seu mordomo, confiando-lhe recursos não para que fossem acumulados, mas usados em benefício de outros.» — Testemunhos Selectos Vol. 1, pág. 405.

Dou o dízimo porque «tudo quanto é retido daquilo que Deus requer, a décima parte do rendimento, é registado nos livros do Céu como roubo a Ele fei-

to. Essas pessoas defraudam a seu Criador; e ao ser-lhes apontado esse pecado de negligência, não basta que mudem de direcção e comecem a seguir daí em diante o recto princípio. . . . Exige-se arrependimento pelo trato infiel e a ingratitude para com Deus.» — Testemunhos Selectos, Vol. 1, pág. 373.

Dou o dízimo porque, «o serviço de contribuição é de resultados solenes e eternos, e muito sagrado para ser deixado ao arbitrio do homem. Não devemos sentir-nos com liberdade de proceder nesta questão como nos apraz. Em obediência às ordens de Deus devemos pôr de parte reservas regulares, santificadas à obra do Senhor.» — Testemunhos para a Igreja, pág. 187.

Dou o dízimo porque «o dinheiro é de grande valor, porque pode realizar grande bem. Nas mãos dos filhos de Deus é alimento para o faminto, água para o sedento, vestido para o nú. É protecção para o oprimido, e meio para socorrer o enfermo.» — Parábolas de Jesus, pág. 351.

Dou o dízimo porque «é Deus quem abençoa os homens dando-lhes bens, e faz isto para que eles possam contribuir para o avançamento de Sua causa. Ele envia o Sol e a chuva. Faz florescer a vegetação. Dá saúde e habilidade para se adquirirem meios. Todas as nossas benções são recebidas de Sua mão generosa.» — Actos dos Apóstolos, pág. 75.

Dou o dízimo, porque é ele «uma instituição que data dos tempos mais remotos, e que foi reconhecida e observada por muitos. Abraão deu o dízimo a Melquizedeque, sacerdote do Deus Altíssimo; Jacob, quando ainda perseguido, pobre e exilado, prometeu em Betel dar ao Senhor o dízimo de tudo que Ele lhe desse; e quando Israel estava para ser constituído um povo, foi-lhe reiterado o preceito do dízimo, como

Continua na página 12

Camilo e os Abacaxis

por E. V. Hermanson

Camilo foi visitar o Sr. João Turinês. Este mostrou-lhe sua plantação de abacaxis. Camilo disse-lhe que gostava muito de abacaxis. O Sr. João deu-lhe 6 frutos e 24 plantas para iniciar sua própria plantação. Camilo só aceitou os frutos. Recusando as plantas disse: «Não vale a pena. Dá muito trabalho». Admirado e magoado respondeu-lhe o Sr. João: «Neste caso não convém levar os abacaxis». E recolheu-os ao armazém.

Creio que em Angola ninguém pensa como o Camilo. Por isso faremos algumas sugestões aos que reconhecem quanto dependemos do solo. Nossos crentes precisam melhorar sua vida. Não será difícil, nem demorado, ganharem para comer, vestir, viver desafogados, amealhar algum dinheiro para a educação dos seus filhos, prevenirem-se para uma doença ou mais um bebé, terem recursos para os compromissos sem a necessidade de deixar a família e ir para outras terras à procura do que lhes falta. Melhorando sua situação, como crentes fiéis aumentariam proporcionalmente seus dízimos e ofertas para ajudar a manter e a desenvolver a obra de Deus. Sua fidelidade em fazer como Deus manda, aumentaria sua alegria e felicidade. Cumpre-nos, pois, animá-los e mostrar-lhes como alcançar este objectivo.

Há pessoas que começaram modestamente. Por terem aplicado bem as forças, inteligência e conhecimentos que Deus lhes deu, hoje vivem livres do pesadelo das dívidas e misérias. Alguns têm bom crédito. Não tenhamos a ilusão de que são uns privilegiados. É preciso usar a inteligência, trabalhar, transpirar, produzir, poupar. Escolher a terra, prepará-la, alimentá-la, plantar, tratar, colher, armazenar, vender. Não se limitar só a uma cultura, mas fazer muitas. Quem só planta milho ou só batata, se faltar a chuva ou houver doença, fica sem nada. Quem planta milho, feijão, batata, arroz, cebola, trigo, gergelim, amendoim, cenouras, repolhos, ou outros produtos que o lugar produz, colherá alguma coisa. Poderá ampliar seu

esforço ainda mais: iniciar-se na criação e aumentar gradualmente os seus haveres com vacas, bois, ovelhas, cabras, galinhas, patos, perus; iniciar-se na produção racional de mel e cera, começando com uma colmeia ou duas; fazer uma plantação de árvores de fruto, eucaliptos, cedros, pinheiros, etc., etc. Tudo representa bom investimento. Apenas requer boa vontade, trabalho e suor sob a benção de Deus. No fim trará recompensa. A vida será mais fácil.

Não é vontade de Deus que Seus filhos sofram. Abraão era próspero. Não deixou por isso de ser um fiel servo de Deus. Oxalá tivéssemos muitos como ele! Fazemos bem em salientar a observância do Sábado. Assim ordena a Lei de Deus. Mas nunca esqueçamos que violamos o 4.º mandamento se não formos diligentes em produzir para nós e nossos filhos, para Deus, e para a grandeza da nossa terra! Nada se faz sem o trabalho! Descansar seis dias e trabalhar um, ou trabalhar apenas o indispensável para não morrer à fome é violar a Lei de Deus. Como adventistas não podemos admiti-lo.

O Estado presta assistência de muitas maneiras. Pode-se obter informações acerca da composição do terreno e saber para que serve. Pode-se mandar analisar o solo e saber quais são os elementos que acrescentados, asseguram boa colheita. Muitas coisas podemos fazer sòzinhos. O Estado fornece, por preço reduzido ou em condições especiais, sementes de boa qualidade ou plantas em vasos para transplantar. Basta encomendar na devida altura e pagar no acto do levantamento. Também faculta um treino especial em certas actividades para quem deseja obtê-lo. Há bons livros, relativamente baratos, que prestam auxílio. A Comissão de Divulgação Agro-Pecuária publicou uma série de livrinhos úteis. Destacamos os seguintes: 1. O Leite; 2. Avicultura; 3. Estrumes Artificiais; 4. Plantação, Manutenção e Defesa Sanitária dos Citri-

Continua na página 12

Histórias Africanas



José e o seu Coração

Havia um homem que se chamava José e que era um refinado ladrão. Aonde quer que ele fosse, deixava vestígios da sua passagem, apropriando-se daquilo que não lhe pertencia. É claro, esta maneira de viver trazia-lhe dificuldades constantes, mas ele parecia não ser capaz de se emendar. Várias vezes foi preso, espancado e repreendido. Todos o temiam ou desprezavam e, desta maneira ele tornou-se um homem solitário, sem o conforto da amizade de quem quer que fosse.

Certo dia, por acaso (seria mesmo acaso?), José ouviu um pregador dizer que todo o mal provém do mau coração que está dentro de nós. José ficou a pensar naquelas palavras e os dias foram-se passando.

Ora aconteceu que, dias depois, José se dirigiu a uma lavra de milho com o intuito de roubar. Olhou à sua volta e convenceu-se que estava sozinho. Abriu o saco que trouxera consigo e preparava-se para colher as espigas quando um pensamento lhe atravessou a mente. Como resultado, em voz alta, disse:

— Meu coração, todos estes anos, tu tens sido um cobarde. Por tua causa tenho sido lançado na prisão e tenho sido batido vezes sem conta. Por tua causa não tenho amigos. Achas que isto assim está bem? Achas que podes continuar a utilizar-me para atingir os teus fins tenebrosos? Não, não é justo que me continues a explorar!

Ao proferir estas últimas palavras, José cruzou as mãos atrás das costas e continuou a dirigir-se ao seu coração:

— Meu coração, se queres roubar, rouba tu mesmo. Não fiques aí escondi-

do dentro, protegido e abrigado, enquanto eu faço o teu trabalho nojento. Vamos, salta cá para fora e enche este saco com espigas. As minhas mãos estão cansadas de apanhar palmatoadas e já não vão roubar mais para te satisfazer!

José esperou com as mãos atrás das costas. Como nada acontecesse, ele continuou:

— Oh, meu coração, tu és um grande cobarde. Não queres sair do teu esconderijo, mas fica sabendo que eu também não vou fazer o teu trabalho. De castigo hoje não comeremos.

E dito isto, José pegou no saco vazio e resolveu ir-se embora.

Entretanto, todo aquele tempo, uma velhota estivera escondida numa casota de capim ali perto e ouvira aquele estranho monólogo.

Quando José se ia retirando, chamou-o e disse-lhe que nunca ouvira palavras como aquelas em toda a sua longa vida. Depois, sem qualquer hesitação, mandou-o abrir o saco e encheu-o de espigas de milho.

— Segue o teu caminho, meu filho, e Deus te ajude.

José foi-se embora muito feliz com aquela experiência.

Nunca mais permitiu que o seu coração lhe trouxesse dificuldades. Pelo contrário, procurou enchê-lo com aquilo que é bom e que enobrece.

José nunca mais foi preso. José nunca mais foi batido. José em pouco tempo, tinha amigos. Ele transformou-se. Já não era um ladrão mas sim um filho de Deus.

Segundo narrativa feita Por Vieira
Rufino a Irma Jewell

Posição Própria na Oração

por E. G. White

Tenho recebido cartas a perguntar-me sobre a posição que deve ser assumida por uma pessoa que faz oração ao Soberano do Universo. Onde receberam os nossos irmãos a ideia de que deviam ficar de pé quando oram a Deus? Alguém que tem sido educado em Batle Creek por cerca de cinco anos foi convidado a fazer oração antes de eu falar à assistência. Mas ao vê-lo levantado direito sobre os seus pés quando os seus lábios iam abrir-se para iniciar a oração a Deus, por dentro minha alma impeliu-me a dar-lhe uma repreensão pública. Chamando-o pelo nome, disse-lhe: «Ajoelhe-se.» Esta é sempre a posição própria.

Luc. 22:41: «E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos orava»

Actos 9:40: «Mas Pedro fazendo-as sair a todas, pôs-se de joelhos e orou, e, voltando-se para o corpo disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos, e vendo a Pedro, assentou-se».

Actos 7:59-60: «E apedrejaram a Estêvão, que em invocação, dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu.»

Actos 20:36: «E, havendo dito isto pôs-se de joelhos, e orou com todos eles.»

Actos 21:5: «E, havendo passado ali aqueles dias, saímos e seguimos nosso caminho, acompanhando-nos todos, com suas mulheres e filhos, até fora da cidade: e, postos de joelhos na praia, orámos.»

Esdras 9:5-6: «E perto do sacrificio da tarde me levantei na minha aflicção, havendo já rasgado o meu vestido e o meu manto, e me pus de joelhos e, estendi as minhas mãos para o Senhor meu Deus, e disse: Meu Deus! Estou confuso e envergonhado, para levantar a Ti a minha face, meu Deus; porque as nossas iniquidades se multiplicaram sobre

a nossa cabeça, e a nossa culpa tem crescido até aos céus.»

Salmos 95:6: «Oh, vinde, adoremos e prostremos-nos; ajoelhem-se diante do Senhor que nos criou.»

Efés. 3:14: «Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.» E todo este capítulo será uma lição tão preciosa quanto possamos aprender, se o coração a aceitar.

Quando em oração a Deus a posição indicada é prostrado de joelhos. Este acto do culto foi exigido dos três hebreus cativos na Babilónia... Mas tal acto era preito que só devia ser prestado a Deus — o Soberano do mundo, o Dominador do universo; e esses três hebreus recusaram-se a dar essa honra a qualquer ídolo, mesmo que fosse de ouro puro. A fazer assim, estariam, para todos os intentos e fins, a prostrar-se ao rei da Babilónia. Recusando-se a fazer como o rei ordenou, sofreram o castigo, e foram lançados na fornalha de fogo ardente. Mas Cristo veio pessoalmente e andou com eles no meio do fogo e nada de mal lhes sucedeu.

Tanto no culto público como em particular é nosso dever prostrar-nos de joelhos diante de Deus quando Lhe dirigimos nossas petições. Este procedimento mostra nossa dependência de Deus.

Na dedicação do Templo, Salomão estava de pé a olhar para o altar. No átrio do Templo havia uma base de metal, e depois de subi-la ele ficou de pé e levantou suas mãos ao céu, e abençoou a enorme congregação de Israel, e toda a congregação de Israel estava de pé...

«Porque Salomão tinha feito uma base de metal, de cinco côvados de comprimento, e de cinco côvados de largura, e três côvados de altura, e a tinha posto no meio do pátio e pôs-se nela em pé, e ajoelhou-se em presença de toda a congregação de Israel, e

estendeu as suas mãos para o céu...»
II Cron. 6:13.

A longa oração que ele fez então era apropriada para a ocasião. Foi inspirada por Deus, respirando os sentimentos da mais elevada piedade misturada com a mais profunda humildade.

Uma frouxidão progressiva

Apresento estes textos comprovativos com a pergunta: «Onde recebeu o irmão H sua educação?»—Em Batle Creek. Será possível que com toda a luz que Deus tem dado a Seu povo sobre a reverência, ministros, directores e professores de nossas escolas, por preceito e exemplo ensinem os jovens a ficarem de pé na devoção como faziam os fariseus? Consideraremos isto significativo de sua auto-suficiência e importância-própria? Devem essas características tornar-se distintas?

«E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, cren-do que eram justos, e desprezavam os outros: dois homens subiram ao templo, a orar, um fariseu, e o outro publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo». Luc. 18:9-12. Foi o fariseu que a si mesmo se justificava que não se encontrava

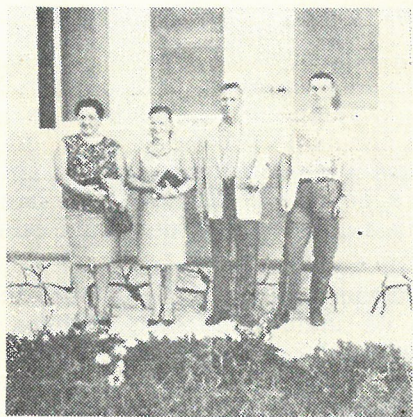
em posição de humildade e reverência diante de Deus; mas estando de pé em sua soberba auto-suficiência, ele contou ao Senhor todas as suas boas obras. «O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira». Luc. 18:11; e sua oração não se elevou acima de si mesmo.

«O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado». Luc. 18:13-14.

Temos a esperança de que nossos irmãos não manifestarão menos reverência e respeito ao aproximarem-se do único Deus vivo e verdadeiro do que os pagãos manifestam para com suas divindades idolátricas, ou estes povos serão nossas juízes no dia da decisão final. Falo a todos os que ocupam os lugares de professores em nossas escolas. Homens e mulheres, não desonreis a Deus pela vossa irreverência e grandiloquência. Não vos ergais em vosso farisaísmo ao fazerdes vossas orações a Deus. Desconfiai de vossa própria força. Não dependais dela; mas prostrai-vos frequentemente de joelhos diante de Deus, e adorai-O.

Prostrado de joelhos

E quando vos reunis para adorar a Deus, não deixeis de vos prostrar de joelhos diante d'Ele. Que esta acção testifique de que toda a alma, e corpo e espírito estão em sujeição ao Espírito de verdade. Quem tem examinado a Palavra diligentemente à procura de exemplos e orientação neste respeito? Em quem podemos confiar como professores de nossa escolas na América e nos outros países? Deverão os alunos voltar às suas pátrias depois de anos de estudos, com ideias pervertidas acerca do respeito, a honra e a reverência que deviam ser dados a Deus, e sem se sentirem sob o dever de honrarem os homens de cabelos brancos, os homens



Irmãos que se baptizaram na Igreja de Sá da Bandeira

de experiência, os escolhidos servos de Deus que têm estado relacionados com a obra de Deus durante quase todos os anos de sua vida? Aconselho a todos os que frequentam escolas na América ou em qualquer outro lugar a que não absorvam o espírito de irreverência. Compreendi ao certo por vós mesmos que espécie de educação necessitais para que possais ensinar outros a obter a perfeição de carácter que suportará a prova que em breve sobrevirá a todos que vivem neste mundo. Convivei com os mais sólidos cristãos. Não escolhais os professores ou alunos pretenciosos, mas aqueles que mostram a mais profunda piedade, aqueles que têm um espírito de inteligência das coisas de Deus.

Estamos a viver em tempos perigosos. Os adventistas do sétimo dia fazem a profissão de ser o povo que guarda os mandamentos de Deus; mas estão a perder o seu espírito devocional. Este espírito de reverência para com Deus ensina aos homens a maneira de se aproximarem do seu Criador — com consagração e reverência pela fé, não em si mesmo, mas num Mediador. Assim o homem está seguro sob toda as circunstâncias em que se encontre. O homem deve vir ao escabelo da misericórdia de joelhos prostrados, como um súbdito da graça, um suplicante. E ao receber benefícios diariamente da mão de Deus, deve sempre acalentar gratidão em seu coração, e expressá-la por palavras de agradecimento e louvor por esses favores desmerecidos. Os anjos têm estado a guardar o seu caminho durante toda a sua vida. não tendo ele visto muitas das ciladas das quais o livraram. E por esta protecção e vigilância feita por olhos que nunca cochilam e nunca dormem, deve ele reconhecer em cada oração, o serviço que Deus lhe presta.

Eles deviam louvar o Mais Sublime Deus na assembleia dos justos e na congregação. Todos os que têm uma noção de sua vitalicia ligação com Deus deviam estar diante do Senhor como Suas testemunhas, relatando o amor, as misericórdias e a bondade de Deus. Que as palavras sejam sinceras, simples, fervorosas, inteligentes, o coração

inflamado com o amor de Deus, os lábios santificados para Sua glória não somente para anunciar as beneficências de Deus na assembleia dos santos, mas para serem Suas testemunhas em todos lugar. Os habitantes da terra devem saber que Ele é Deus, o único Deus verdadeiro e vivo.

Deve haver um conhecimento inteligente de como aproximar-se de Deus em reverência e piedoso temor com amor devocional. Há uma crescente falta de reverência para com o nosso Criador, um crescente desrespeito pela Sua grandeza e magestade. Mas Deus nos fala nestes últimos dias. Ouvimos Sua voz na tempestade, no ribombar do trovão. Ouvimos das calamidades que Ele permite nos terremotos, das inundações e dos elementos destruidores que levam tudo à sua frente. Ouvimos de navios que naufragam no oceano tempestuoso. Às famílias que têm recusado reconhecer-l'O, às vezes Deus fala no turbilhão e na tempestade, às vezes face a face como Ele falou com Moisés. Ou segreda Seu amor à confiante criancinha ou ao decrépito e encanecido ancião. E a sabedoria terrestre torna-se sábia ao contemplar o invisível.

Cubram todos a face quando se ouve a pequenina voz que sucede no turbilhão e a tempestade que deslocam as rochas, porque Deus está muito perto. Que se escondam em Jesus Cristo; porque Ele é o seu esconderijo. Sua mão ferida cobrirá a fenda na rocha enquanto o humilde suplicante prostrado espera para ouvir o que o Senhor diz ao seu servo. — *Manuscrito 84b 187.*

Não há tempo nem lugar impróprios para se erguer a Deus uma oração... Entre as turbas de traseuntes na rua, em meio de uma transacção comercial, podemos elevar a Deus um pedido, rogando a direcção divina, como fez Neemias quando apresentou seu pedido, perante o rei Artaxerxes, — *Degraus de Vida Cristã, pág. 88, 89.*

Podemos falar com Jesus no caminho e Ele diz: Acho-te à Minha mão direita (Salmo 16:8). Podemos comunicar com Deus em nosso coração: andar na companhia de Cristo. Quando empenhados em nossos trabalhos diários,

podemos exalar o desejo de nosso coração, de maneira inaudível aos ouvidos humanos; mas essas palavras não amortecerão em silêncio, nem serão perdidas. Coisa alguma pode sufocar o desejo da alma, Ele se ergue acima do borborinho das ruas, acima do barulho das máquinas. É a Deus que estamos falando, e nossa oração é ouvida — *Obreiros Evangelicos*, pág. 258.

Para orar é necessário que estejais sempre prostrados de joelhos. Cultivai o hábito de falar com o Salvador quando sós, quando estais caminhando, e quando ocupados com os trabalhos diários. — *Ciência do Bom Viver*, pág. 511.

Tradução de *Selected Messages*,
vol II, pág. 311 a 316,

por E. V. Hermanson

«Porque dou o Dízimo»

Continuação da pág. 6

uma das ordenanças de Deus, de cuja observância dependia a sua prosperidade.» — *Estudos Bíblicos*, pág. 218.

Dou o dízimo, porque «a porção que Deus reservou para Si não deve ser desviada para qualquer outro propósito senão o por Ele especificado. Que ninguém se sinta na liberdade de reter o seu dízimo para empregá-lo segundo o seu próprio juízo.» — *Manual da Igreja*, velha edição, pág. 103.

Dou o dízimo, porque Deus está provando cada alma que diz crer n'Ele. A todos são confiados talentos. O Senhor deu aos homens os Seus bens, para com eles negociarem. Fê-los Seus mordomos e colocou em sua posse dinheiro, casas e terras. Tudo isto deve ser considerado como os bens do Senhor, e empregado para avançar a Sua obra, para erguer o Seu reino no mundo.» — *Testemunhos Selectos*, Vol. 5, pág. 291.

Dou o dízimo, porque a Bíblia diz: «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro (Mal. 3:10). É ordem de Deus. «Não se apela para a gratidão ou gene-

rosidade. É uma questão de simples honestidade. O dízimo é do Senhor; e Ele nos ordena que Lhe devolvamos aquilo que é Seu». — *Educação*, pág. 139.

Camilo e os Abacaxis

Continuação da página 7

nos; 5. A Cultura de Cebola; 6. Luta Conta as Carraças. Estas obras são da autoria de médicos veterinários ou engenheiros agrônomos, todos especialistas no assunto.

Já temos agricultores adventistas que produzem 100 sacos ou mais de determinados produtos por ano. Madrugam. São estimados pela população local. Alguns possuem bons rebanhos de gado. Alguns têm abelhas. Alguns estão a plantar eucaliptos e cedros. Mas resta fazer mais, muito mais. Precisamos aprender como obter maior rendimento dessas actividades. Então seremos a cabeça. Corresponderemos nestes aspectos à vontade de Deus. Se em tudo lhe formos fiéis, nossa luz brilhará muito mais.

Será um prazer em sermos úteis a qualquer crente pondo-o em contacto com pessoas idóneas para ajudá-lo a progredir.

Aplica-se igualmente ao que estamos a expôr o conselho de Deus através de Salomão: «O proveito da terra é para todos; até o rei se serve do campo.» «Viste um homem diligente na sua obra? ... não será posto perante os de baixa sorte.» «Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás ... Quem observa o vento, nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará ... Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão, porque tu não sabes qual prosperará: se esta, se aquela, ou se ambas igualmente serão boas». *Ecclésiastes* 5:9; *Prov.* 22:29; *Eccl.* 11:1, 4, 6.

Visado pela Censura

Continuação da pág. 2

que os seus ataques à Bíblia são simplesmente o resultado das suas investigações, de modo que estariam prontos a aceitar a verdade onde quer que ela se encontrasse.

Infelizmente, porém, quando se lhes mostra a verdade, fecham os olhos, porque a verdade cega-os e, cegos como são, e querem continuar a ser, não se convertem.

Demos graças a Deus pela maravilhosa luz que nos concedeu e que nos permite ver e amar a verdade.

A nossa fé baseia-se nesse Livro dos Livros que é a Palavra de Deus. Nem toda a eternidade, na pátria celestial, será bastante para podermos estudar, apreciar e amar a Palavra Divina. Como *povo da Bíblia* que nos orgulhamos de ser, cumpre-nos estudar a fundo e amar apaixonadamente a Bíblia Sagrada.

Enchamos a casa do Senhor

Continuação da pág. 3

obreiros, os dirigentes da Escola Sabatina e os professores da mesma. Uma vez que o «fogo» chegue a inflamar seus corações, este também se propagará entre a irmandade; e à medida que os pecadores virem esta demonstração de piedade prática, acudirão à casa do Senhor e a encherão.

Não estamos falando de um reavivamento que se extingue depois de uns poucos de sábados ou que fenece diante dos ataques de Satanás; estamos falando de algo que concede ao Espírito de Deus a prioridade sobre o nosso coração, tempo, recursos e bens materiais; algo que promove a unidade de espírito e de propósitos tão necessários na Escola Sabatina e na igreja para encher a Casa do Senhor.

Este esforço empreendido com entusiasmo, reúne não somente a assim

chamada «boa gente» mas também os «mancos, e coxos e cegos», como o manda o Senhor. A assistência fiel à Escola Sabatina prepara ambas as classes para chegarem a ser membros da igreja.

Porque não o fazemos? Não é este o tempo em que o número de membros das nossas escolas sabatinas deveria ser muito superior ao dos membros de igreja? Se isto pode dar-se na Coréia, também pode repetir-se em qualquer outro lugar que reúna as condições necessárias.

Quem tomará a dianteira?

O Homem que cavou outro Poço

Continuação da pág. 5

infinita sabedoria, assim o entender.

«Sou a rogar-vos que levais uma vida digna da vossa alta vocação», exorta o apóstolo. «Aceitai a vida com humildade e paciência, e, baseados no amor fraterno, suportai-vos uns aos outros». (Efésios 4:1-3, tradução de J. B. Phillips e A. Fernandes).

Certamente haverá quem nos chame fracos e moles quando recusarmos fazer valer os nossos direitos e quando fugirmos de enfrentar a força com a força. Certamente haverá quem nos apouque e censure por demonstrarmos não ter «espinha dorsal» ao respondermos amavelmente aos insultos e injúrias. Mas lembremo-nos que no tempo de Jesus também o ridicularizaram. Os tempos mudaram, mas as atitudes humanas não se alteraram e os corações não regenerados ainda continuam a não compreender o caminho de Jesus!

«De qualquer sorte que os outros pensem de nós ou conosco procedam, nunca será necessário que perturbemos nossa comunhão com Cristo, nossa companhia com o Espírito». (A Ciência do Bom Viver, pág. 485).

Em momento de irritação e tensão nervosa, uma força interior nos conservará calmos. Uma ligação viva com o Deus vivo enriquecerá as nossas vidas e ajudar-nos-á a ganhar vitórias espirituais ao «cavarmos outro poço».

Notícias do Campo



Visita do Sr. Administrador do Concelho do Longonjo

Foi a 17 de Março deste ano que tivemos a visita do Exmo. Senhor Administrador do Concelho do Longonjo, Senhor Adriano Angieu Teixeira.

Colocado há pouco no n.ºvel Concelho do Longonjo, precedido de brilhante folha de serviço, todos os habitantes da área esperam da sua actividade, da sua experiência e do seu zelo, benefícios para a região.

Para o Instituto e para toda a Missão, a sua visita constituiu um motivo de festa e regozijo.

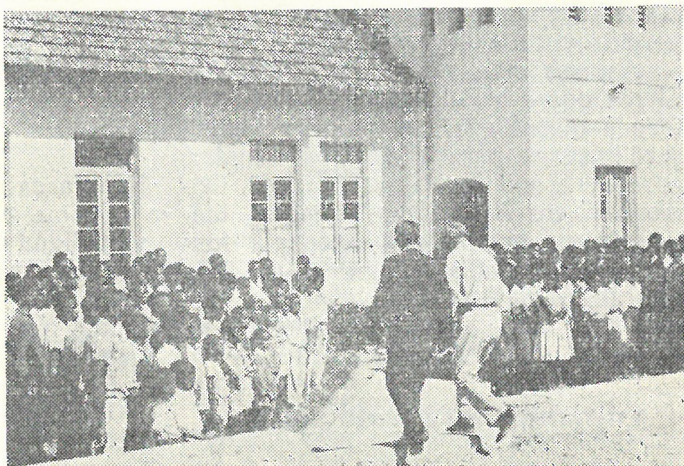
À hora marcada, todo o pessoal da Missão e todos os alunos aguardavam em frente do edifício escolar. O Sr. Administrador não se fez esperar. Aos acordes do Hino Nacional cantado por todos os alunos, foi içada a Bandeira verde-ru-bra. Seguidamente o nosso Director, J. E. Rodrigues, fez a apresentação de cada obreiro presente.

Sem mais delongas iniciou-se a visita a todas as instalações da Missão: Escola, Dor-

mitório Feminino, Obras em Curso, Hospital, Laboratório, Central Eléctrica, Igreja, Dormitório Masculino e Tipografia. O Sr. Administrador mostrou-se conhecedor da nossa Obra e teve palavras encorajadoras que muito nos sensibilizaram.

Desejamos ao Sr. Administrador Angieu Teixeira as maiores felicidades no desempenho das suas funções, esperamos que a benção divina o ajude e guie sempre, e reiteramos os nossos votos de dedicada e leal colaboração.

O. Albuquerque



Um aspecto da visita à Escola

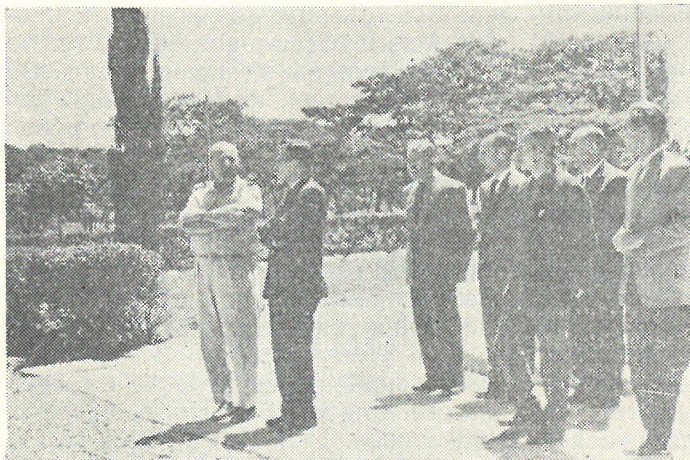
Cursos de Aperfeiçoamento

De 21 de Março a 3 de Abril realizaram-se no I. A. B. dois cursos de aperfeiçoamento, um para pastores e dirigentes de área e outro para evangelistas.

Dirigiu os cursos o Secretário interino dos Departamentos da União, Pastor J. A. Morgado, que teve a colaboração de A. A. Maurício, O. Albuquerque e J. E. Rodrigues.

O corpo discente foi constituído por obreiros dos Campos Missionários do Bongo, Nova Lisboa, Namba e Quilengues.

O ensino ministrado teve um carácter essencialmente prático e, segundo ouvimos da boca dos participantes, veio de encontro às suas necessidades actuais. Na verdade, nestes tempos de transição e progresso a-



O Exmo. Administrador do Longonjo troca impressões com o Director da Missão após a Cerimónia do içar da bandeira.

celerado, é mister que os nossos obreiros se actualizem e se preparem para enfrentarem o repto da hora presente.

Sexta-feira à noite, dia 1 de Abril, realizou-se a cerimónia da Santa Ceia, que constituiu para todos os obreiros um momento de grande elevação espiritual e um incentivo para todos trabalharem unidos nesta Causa que é de Deus, esquecendo as suas diferenças e amando-se mutuamente como convém à sua vocação religiosa.

No Domingo, dia 3 de Abril, realizou-se a cerimónia da graduação, com a presença do Presidente interino da União, Pastor E. L. Jewell. Os obreiros receberam os seus diplomas e os alunos finalistas do Instituto, que também assistiram ao curso, receberam uma recordação.

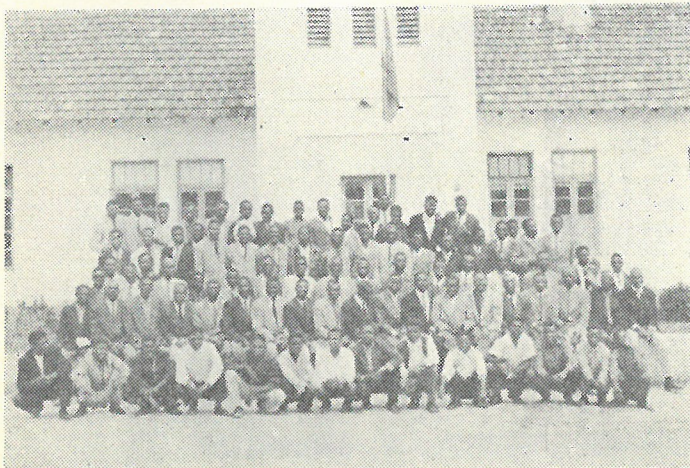
Vários são os méritos dos cursos de aperfeiçoamento. Não os queremos mencionar agora mas, ainda que outro mérito não tivessem os cursos que tiveram lugar, serviram para avaliar as possibilidades académicas de cada participante, com vista a uma selecção para futuros e mais profundos cursos de aperfeiçoamento.

Que o Senhor abençoe o esforço feito e que ele reverta em progresso para a Obra de Deus em Angola.

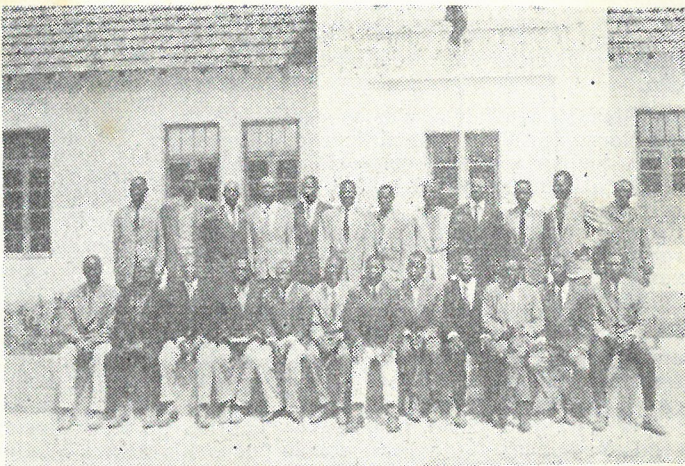
J. E. Rodrigues

Classe de Finalistas

Ao iniciar-se o terceiro e último trimestre do ano lectivo do I. A. B., seguindo-se a tradição dos nossos colégios noutras terras, organizou-se a classe de finalistas de 1966.



Participantes do Curso de Aperfeiçoamento para Evangelistas



Participantes do Curso de Aperfeiçoamento para Pastores

Foram escolhidos os seguintes oficiais:

Presidente:	Jonas Marcolino
Secretário:	Adão António Gombe
Tesoureiro:	Carlos Eduardo
Pastor:	Samuel Augusto
Conselheiro:	Prof. A. A. Maurício.

Os objectivos das actividades da classe de finalistas são vários, mas podemos destacar os seguintes: a) Treinar os jovens em funções de direcção; b) Ensinar ordem e organização; c) Unir os elementos da classe e dar-lhes um objectivo comum, ensinando-os a trabalhar em conjunto; d) Despertar o sentimento de lealdade para com a instituição que os educou; e) Aprofundar a experiência espiritual dos membros da classe.

Ao que sabemos os jovens estão animados e têm muitos planos, entre eles a realização de um pique-nique e a construção de uma obra no I. A. B. que fique a assinalar a sua passagem.

Que o Senhor possa abençoar estes jovens finalistas e que eles venham a ser obreiros fortes na Sua Vinha, são os nossos votos.

J. E. Rodrigues

Igreja da Caála

Foi com evidente e animador entusiasmo que decorreu a Semana de Oração da Juventude Adventista da Caála.

A presença regular de jovens, crentes e visitas, às reuniões, testemunhou amplamente e para além das nossas expectativas do bom interesse manifestado por estas edificantes reuniões de oração. Houve

algumas poesias e, particularmente, foi sempre com entusiasmo que o hino especial para esta Semana era entoado pela congregação.

Simultaneamente com estas manifestações exteriores de adoração e edificação, o Espírito do Senhor operava sensivelmente nos corações presentes, levando muitos — alguns pela primeira vez — a exteriorizarem os sentimentos que lhes enchiam a alma através de fervorosas orações públicas ao trono da Sua inextinguível graça!

No último Sábado, após a Escola Sabatina e no fim do culto, ao ser dirigido o apelo a todos aqueles que estivessem dispostos a consentir que Jesus fosse o Senhor das suas vidas, não somente jovens como todos presentes, ergueram-se, como resposta ao convite, sendo, seguidamente, o gesto selado por uma oração de intercessão e consagração.

Estamos certos que na sua totalidade, os efeitos desta abençoada Semana de Oração só serão visíveis na eternidade. Contudo, é-nos grato assinalar que no decorrer desta semana registámos a decisão de dois simpáticos jovens de ingressar, pelo baptismo, nas fileiras deste grande Movimento caracterizado pela guarda dos mandamentos de Deus e a Fé de Jesus. Que o Senhor seja louvado!

Não desejais, Prezados Leitores, unir-vos neste esforço através das vossas sinceras e incontidas orações? Agradece-vos sinceramente

A. Oliveira

Igreja de Sá da Bandeira

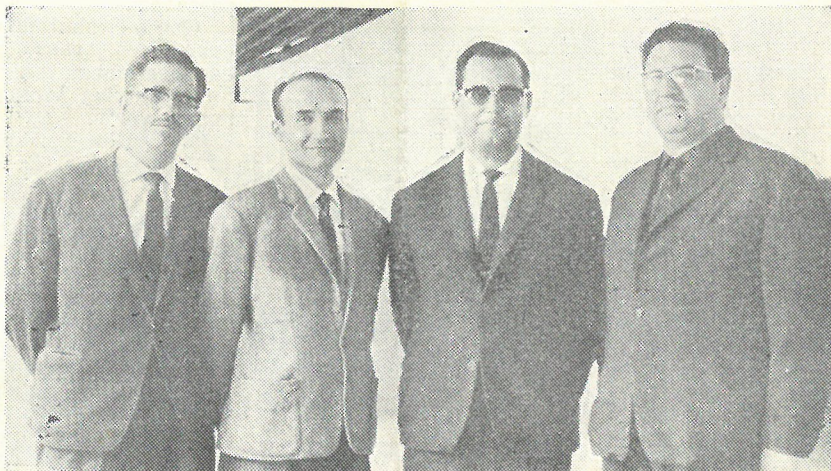
«E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos de-

mais apóstolos: Que faremos, varões irmãos? E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar.» Actos 2:37-39. Na verdade, a Mensagem de hoje é a mesma que outrora fora anunciada pela Igreja primitiva com maravilhosos resultados em almas ganhas para Cristo. Constatamos nos dias dos apóstolos e quando do derramamento do Espírito Santo no Pentecostes, que milhares de almas se decidiram a aceitar Jesus como seu Salvador pessoal. O relato bíblico diz-nos que num só dia se agregaram quase três mil almas como lemos em Actos 2:41. Não vimos ainda nos nossos dias tais resultados, mas a irmã White afirma que mais de mil se converterão num só dia quando for derramado o Espírito Santo sobre os que estiverem preparados para o receber.

Baptizaram-se no passado sábado quatro almas que alegremente entregaram as suas vidas a Jesus. Havia uma boa assistência presente e sentiu-se a presença do Espírito do Senhor. Rogamos ao Senhor que preserve estas almas e que através do seu fiel testemunho de fé possam ganhar outros para Cristo. Através dos meios que o Senhor põe ao nosso alcance, devemos levar o conhecimento da Verdade nesta hora tenebrosa da história do mundo em que muitos estão vivendo sem Deus e sem esperança! Disse Jesus: «Se eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado, mas agora não têm desculpa do seu pecado» S. João, 15:22.

Vosso no Senhor,

Américo J. Rodrigues



Corpo Docente dos Cursos de Aperfeiçoamento: J. E. Rodrigues, O. Albuquerque, A. Mauricio e J. A. Morgado